



Meditação 20 de Julho

“O pai viu-o e encheu-se de compaixão”

O texto da parábola faz-nos olhar neste momento para a figura do pai. Coloquemos nele não só o nosso olhar, mas o nosso coração, e descobriremos que este pai é a verdadeira representação da misericórdia. Ele que tem dois filhos, percebe que deve tratá-los de forma diferente, olhando para cada um de forma única. O filho mais novo veio reclamar-lhe a herança. É um pedido estranho porque as heranças supõem a morte dos progenitores, e este em vida do pai quer já a sua. E, contudo, o pai, sem dizer nada, dá-lhe a herança. O pai aceita o espaço que o filho precisa; o pai acolhe o risco da liberdade do filho, ama-o simplesmente. Deus aceita o risco da nossa liberdade, aceita que peguemos no que Ele nos dá e partamos para longe, aceita a nossa possibilidade de errar, a nossa fraqueza. O filho mais novo, mesmo quando regressa, fá-lo ainda dentro de uma lógica egoísta e autocentrada. Ele partiu para experimentar a vida e, quando regressa, pensa apenas na necessidade de salvar a sua pele. É o instinto de sobrevivência a falar, não o amor. O pródigo diz: «Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: (...) trata-me como um dos teus jornaleiros» (Lc 15, 17-19). E não percebe que isso é impossível. Pois quando o avista ao longe, o pai toma a iniciativa de correr ao seu encontro. E considera que mais decisivo que o filho se ter ido embora, é ele agora voltar; mais importante do que a rutura, é o regresso. O filho ainda vem distante e o pai parte ao seu encontro. Diz-nos S. Lucas: «o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos» (Lc 15, 20). Isto é, deu cobertura àquela vida sem beleza, tornou-a completamente amável. Aos olhos do pai, aquele filho era apenas o filho, era o seu filho. E, cheio de compaixão, foi capaz de abraçá-lo repetidamente, de reintroduzi-lo na intimidade familiar da casa. E, de uma maneira que o próprio filho jamais esperaria.

Podemos rebater: «Este pai excedeu-se. O seu é um amor excessivo. Ele não devia tratar o filho assim. Devia aplicar-lhe um castigo ou pelo menos pô-lo à prova, fazê-lo pensar. E dizer-lhe: “Agora sofre e pensa no que fizeste”». O excesso do Pai, este excesso da misericórdia, tem, porém, um sentido. Dentro de nós conflituam muitos modelos e formas de reagir. Mas o que Deus nos diz é: «A misericórdia é a arte necessária para salvar a vida, a misericórdia é um



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

caminho que todos precisamos de aprender». E não há misericórdia sem excesso. Creio firmemente que essa é uma das fundamentais lições da parábola. Perguntamo-nos muitas vezes o que é a misericórdia. E a misericórdia não cabe numa definição. Ela tem de encarnar-se para que a possamos tocar. Misericórdia é compaixão, misericórdia é bondade, misericórdia é perdão, misericórdia é colocar-se no lugar do outro, misericórdia é levar o outro aos ombros, misericórdia é a reconciliação profunda. É tudo isso. Mas é isso realizado também com um determinado estilo, que é o estilo do pai da parábola de Jesus. Não há misericórdia sem dádiva, sem doação. Aquele filho pródigo trazia tantas feridas, manifestas e escondidas, e precisava de ser curado com o bálsamo da misericórdia.

A misericórdia não é dar ao outro o que o outro merece. Num efeito ético de inversão, a misericórdia é, podemos afirmá-lo, oferecer ao outro precisamente o que o outro não merece. Mas dar por cima, dar além, ir mais longe. Reintroduzir na festa o filho, reconfirmá-lo com os símbolos da alegria: o anel no dedo, as sandálias nos pés, a túnica mais bonita, o banquete de vitelo gordo. É este excesso de amor que espelha a misericórdia.

Facilmente nos colocamos na posição de quem julga os outros: «Ah, fizeste isto, mereceste isto, mereceste aquilo». Mas o pai misericordioso não se deixa capturar pelo juízo. Ele vê que o filho regressa como quem vem de uma guerra, todo estilhaçado, maltratado e ferido. Ora, se não há um excesso de amor que ajude a curar as feridas, que dê um outro horizonte, que seja uma alavanca, não há solução. O filho não poderia entrar em casa pelos seus pés. Ele precisava de ser levado ao colo pelo amor do pai. A misericórdia é isso. Não é esperar que o outro faça o caminho: é antecipar-se e carregá-lo aos ombros como a outra parábola do bom pastor nos ensina (Lc 15, 4-7), aceitando as suas feridas, as suas vulnerabilidades e reintroduzindo-o na esperança, sinónimo da festa.

Em família experimentamos isso em tantas ocasiões. Se queremos ser pessoas moderadas e neutras, se queremos ser apenas justos, seremos até boas pessoas, mas não conheceremos o Evangelho da Misericórdia. Porque o Evangelho da Misericórdia pede de nós um excesso de amor: que sejamos capazes de abraçar a vida ferida, e que percebamos tudo sem necessidade de dizer muito. O pai não é inconsciente. O pai percebe que aquele filho gastou tudo da maneira mais errada; o pai sabe tudo. E contudo, abraça tudo e tudo cobre com o seu amor. A experiência de misericórdia é uma das coisas mais exigentes e fascinantes da vida. Mas no final, aquele filho que estava perdido é um ser transformado, modificado pelo amor. Rezemos hoje para que a nossa família se torne uma escola de misericórdia, onde nos sintamos a seguir os passos de Jesus.